

A problemática da memória no romance *Berkeley em Bellagio*, de João Gilberto Noll

Karine Xavier dos Santos¹
Cristiano Augusto da Silva Jutglá²

Resumo: *Este trabalho pretende discutir a problemática da memória na Literatura pós-moderna, enfatizando o conceito de memória, a partir da década de 90, juntamente com a sua aplicabilidade no romance pós-moderno brasileiro. Em um segundo momento, objetivamos estudar as características constitutivas deste romance. O método utilizado é uma pesquisa qualitativa, baseada na leitura de textos bibliográficos aplicados à análise crítica da obra Berkeley em Bellagio, de João Gilberto Noll, em que a memória é apresentada ao leitor, por meio, das lembranças fragmentadas do personagem principal. Essa memória é tensionada, na obra, principalmente, pelo método narrativo de Noll que coloca em xeque o limite entre ficção e a realidade. Pretende-se, desse modo, demonstrar as múltiplas facetas da memória no romance contemporâneo e como ela influencia na construção do mesmo.*

Palavras-chave: *Memória; Romance Contemporâneo; Berkeley em Bellagio; Literatura Brasileira; Construção Narrativa.*

1. Introdução

Na literatura contemporânea brasileira, mais especificamente a produzida no contexto urbano, a tensão entre a ficção e a realidade advinda da ruptura do modo de narrar tradicional ocasiona uma constante fragmentação da trama do romance, o qual se apresenta, muitas vezes, de maneira não linear, resultando em uma descentralização de núcleo temático. Dessa forma, o presente trabalho pretende discutir a problemática da memória na Literatura pós-moderna, enfatizando o conceito de memória, a partir da década de 90, estabelecendo um diálogo com o modo de narrar apresentado no romance pós-moderno brasileiro. E em um segundo momento, objetiva-se estudar criticamente a problemática da memória na literatura brasileira contemporânea observando a sua influência nas características constitutivas do romance. Para isso, faz-se necessário situar o tema estudado no contexto contemporâneo ou pós-moderno como preferem denominá-lo muito autores. Nesse intuito utiliza-se os postulados de Jameson (2006), Eagleton (1998) e Hall (1999).

Essa pesquisa apóia-se nos postulados de Halbwachs (2007), Bergson (1999), Le Goff (1996) que versam sobre as questões referentes a problemática da memória na contemporaneidade. E a partir dessas perspectivas observar como essa memória é apresenta-se na construção do romance contemporâneo. A

¹Discente do curso de Letras do DLA /UESC, bolsista de Iniciação Científica do programa FAPESB. E-mail: karine_azteca@hotmail.com

² Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Docente, orientador da pesquisa, professor titular de Literatura Brasileira (DLA /UESC) E-mail: crisaug2005@yahoo.com.br

A metodologia baseia-se na pesquisa em livros, artigos e revistas especializadas dentro das áreas de conhecimento da linguagem, da literatura, da sociologia e da urbanística, com o intuito de estabelecer apoio teórico para a análise e interpretação do romance *Berkeley em Bellagio* (2002), de João Gilberto Noll, e problematizar a fragmentação da memória juntamente com a aceleração dos processos de esquecimento com a finalidade de explicar a funcionalidade da lembrança dentro da obra. Tem-se a perspectiva de que as reflexões geradas por este trabalho possam contribuir para se conhecer melhor alguns dos principais traços constitutivos do romance contemporâneo brasileiro no tocante à memória, demonstrando múltiplas facetas da memória no romance de Noll.

O romance pós-moderno possui características próprias como a implosão do sujeito construído segundo os referenciais burgueses do século XIX. Segundo Benjamin as narrativas estão cada vez mais desprovidas de experiências, o que provoca um esvaziamento da obra (BENJAMIN, 1936, p. 198), esse esvaziamento reflete-se também na estrutura do romance que tende a ser mais curto, sem muitas adjetivações nem descrições. Outro aspecto fundamental é a tensão entre a ficção e a realidade advinda da ruptura do modo de narrar tradicional, o que leva a uma constante fragmentação da trama do romance, o qual se apresenta, muitas vezes, de maneira não linear, resultando em uma descentralização de núcleo temático. Nesse novo modelo narrativo a memória vem ganhando destaque por influenciar, de certa forma, as características supracitadas, pois ela é fragmentada e possui uma dualidade entre a percepção (realidade) e a interpretação (fantasia) (BERGSON, 1999). Dessa forma, procura-se descobrir na obra o caráter analítico das questões constituintes do romance pós-moderno brasileiro sob a perspectiva da memória.

2. A memória na Contemporaneidade

A memória possui um conceito complexo passível de mudanças conforme a época e a sociedade a qual integra, para entendê-la melhor faz-se necessário entender as algumas das concepções de memória consagradas entre os intelectuais que se propuseram a estudá-la juntamente com e as necessidades memorativas da sociedade em cada período. Inicialmente expõem-se aqui as idéias do historiador francês Jacques Le Goff (1996), seguido pelo sociólogo Halbwachs (2007) e por fim aborda-se a teoria do filósofo Bergson (1999).

Le Goff oferece significativas contribuições para os estudos sobre memória, e também, para tornar mais nítido uma representação do tempo enquanto modalidade de interações humanas. Ele expõe que em uma civilização podem coexistir vários “tempos” da mesma forma que existem variados segmentos sociais. Essa multiplicidade de representações só é possível porque a noção de tempo carrega consigo uma série de fatores historicamente construídos, tais o estabelecimento da hierarquia social, as divisões das funções sócio-profissionais, o controle sobre o discurso ideológico dominante

Le Goff (1996), afirma que nas sociedades sem escrita a memória era preservada por meio da oralidade e atribui aos mitos de origem o papel de preservação da memória oral. Ele argumenta que nessas

sociedades eram necessários os “especialistas da memória”, que no geral eram anciões chefes de família - uma espécie de guardiões dos códigos culturais. Contudo essas informações não eram passadas de forma totalmente linear, sendo possível desvios e alterações desses códigos. À medida que a sociedade ia se tornando mais complexa tornou-se necessário a criação de técnicas para a perpetuação da memória como: a comemoração, o monumento escrito, as instituições memorativas e as bibliotecas.

Com o surgimento da imprensa a memória conhecida até então adquire um novo papel na sociedade, pois agora as informações antes passadas apenas de forma oral e por poucos escolhidos agora poderiam ser consultadas quantas vezes fosse necessário por todos aqueles que dominassem o código da escrita (que soubessem ler). Le Goff (1999) alerta também, para o fato da memória como um elemento perigoso, desde que manuseada de forma incorreta para obtenção de poder. Quando por exemplo, um grupo apodera-se da memória coletiva e a manipula para alcançar ou permanecer no poder. Com o advento da escrita essa técnica de manipulação da memória torna-se mais eficaz. Tal processo intensificou-se com o surgimento das mídias modernas.

Halbwachs (2007) afirma que é impossível discorrer sobre o problema da rememoração e da localização das lembranças dissociados dos contextos sociais reais que, segundo ele, servem de baliza a essa reconstrução do que chamamos memória. O autor defende a teoria de que os grupos sociais e os lugares fixos funcionam como lugares de memória facilitando o ativamento da lembrança e definindo os papéis sociais. O autor aborda ainda, a importância do grupo e a sintonia com o mesmo para que o indivíduo possa armazenar na memória fatos que aconteceram com ele. Halbwachs (2007) afirma que nossa memória só se constrói à medida que os indivíduos estiverem em contato uns com os outros em uma mesma sociedade ou grupo social. A partir do momento que se separam nenhum deles pode reproduzir todo o teor do pensamento antigo. O autor diz que “(...) se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que recordamos, do ponto de vista desse grupo” (HALBWACHS, 2007, p.44).

Halbwachs diz que há elementos na paisagem que ativa as lembranças contidas na memória e que sem esses elementos, talvez, jamais poderíamos resgatá-las. Ele fala ainda, da capacidade que os objetos têm de guardar marcas e lembranças de acontecimentos de nossos familiares:

Nossa cultura e nossos gostos aparentes na escolha e na disposição desses objetos em grande medida se explicam pelos laços que sempre nos ligam a um número enorme de sociedades sensíveis. (HALBWACHS, 2007, p.45).

Em seus estudos, o sociólogo também introduz uma nova concepção de tempo. Este, segundo ele, não é mais algo homogêneo e uniforme, não pode ser considerado um meio privilegiado, processo estável, no qual, desenvolvem-se os fenômenos da história humana. Esse pensamento diferencia-se das colocações sobre o tempo até então.

Henri Bergson (1999) faz uma relação da memória com as imagens. O autor define o corpo como sendo o centro da percepção e as imagens como forma de rememoração futura. Isso será demonstrado no capítulo I "*Da seleção das imagens para a representação. O papel do corpo*", em que, o autor faz um

convite ao leitor a abandonar as concepções materialistas e espiritualistas, e observar a questão das imagens sobre um prisma mais amplo. Bergson então demonstra os procedimentos que o cérebro passa ao receber as imagens "estas imagens agem e reagem uma sobre as outras" (BERGSON,1999, p.9). Nesse processo evidencia-se o importante papel do corpo que é ao mesmo tempo matéria e imagem, (exterior e interior), em receber e atuar como mediador dessas imagens, como se tudo estivesse relacionado ao ângulo em que o mesmo se encontrasse em relação à imagem, como uma espécie de tradutor. Esse processo de captação das imagens pelo corpo e posteriormente pelo cérebro é o que Bergson vai chamar de percepção:

(...) percepções, isto é, sistemas em que estas mesmas imagens estão relacionadas a uma única dentre elas, escalonando-se ao redor delas em planos diferentes e transfigurando-se em seu conjunto a partir de ligeiras modificações desta imagem central. (BERGSON, 1999, p.22).

Bergson (1999), diz ainda, que a percepção é voltada inteiramente para o lado especulativo da matéria, isto é, a percepção é uma espécie de conhecimento puro, e está voltada para espaço da mesma forma que a ação está voltada para o tempo. Ao mesmo tempo, Bergson desperta o nosso interesse para a relação entre percepção e lembrança. Pois, para ele, a percepção do presente está impregnada de lembranças do passado, impossibilitando, dessa forma, uma leitura "pura" das imagens presente, ao que ele observa "aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossas experiências passadas" (BERGSON, 1999, p.30). O autor vai mais longe em suas considerações sobre a percepção e os seu modo de captação, e chega a descrever todo o processo que envolve a percepção da imagem pelo cérebro:

(...) as imagens exteriores atingindo os órgãos do sentido, modificando os nervos, prolongando sua influencia no cérebro. Prossigo até o fim. O movimento irá atravessar a substância cerebral, não sem ter aí permanecido, e se manifestará então, em ação voluntária. Eis aí todo o mecanismo da percepção. (BERGSON, 1999, p.38).

Para o filósofo, as imagens exteriores ao corpo provocam impulsos sistema nervoso central que é onde ocorre os movimentos moleculares. Esses movimentos moleculares dependem do ângulo do corpo em relação ao objeto/imagem. Modificando a posição da imagem, modifica-se a relação com o corpo alterando a percepção. Dessa forma, o autor chega a conclusão que a percepção depende dos movimentos moleculares. E estes, por sua vez, só retêm o que interessa ao sujeito. Mas Bergson (1999, p.42) adverte que "convém não esquecer que em todos os estados psicológicos desse gênero a memória desempenha o papel principal".

O filósofo conclui este ponto do seu pensamento afirmando que o problema da memória é um problema privilegiado, pois envolve questões como a verificação psicológica de duas teses que em essência parecem não comprováveis, sendo que a segunda, ultrapassa infinitamente a psicológica por ser de ordem, sobretudo metafísica. O autor sugere, então, um maior comprometimento na aproximação do contorno, em que, se deve buscar os extremos de onde começa e de onde termina nos processos memorativos, o papel do corpo.

Observa-se até aqui, que a memória possui várias modalidades, e também que as formas de lembrar o passado mudam conforme há alterações na sociedade. A memória, portanto não possui um conceito único, nem uma única forma de apresentação, e que os conceitos de memória influenciam a sociedade e, por sua vez, são influenciados por ela.

3. Algumas considerações a respeito do conceito de pós-modernismo

O Pós-modernismo é um conceito em construção passível de múltiplas interpretações e um causador de polêmicas entre os teóricos em geral. Consiste em uma forma de expressão ou estilo contemporâneo que provocou profundas transformações culturais, sociais, artísticas e políticas, em comparação ao momento que o antecedeu – o Modernismo.

Eagleton (1998) considera o pós-modernismo como algo plural passível de múltiplas interpretações e de difícil definição, que abriga o discurso sobre diferença, pluralidade, heterogeneidade. Ele diz que “O pós-modernismo concedeu voz ao excluídos e ao fazê-lo, criou com isso um abalo na auto-identidade do sistema dominante” (EAGLETON, 1998, p.33). Na sua concepção o pós-modernismo surge como uma forma de reação ao alto modernismo, e isto atinge a arte a cultura e a sociedade:

(...) pós-modernismo é um estilo de cultura que reflete essa mudança memorável por meio de uma arte superficial, descentrada infundada, auto reflexiva, divertida, caudatária eclética e pluralista, que obscurece as fronteiras entre a cultura ‘elitista’ e a cultura ‘popular’, bem como a arte e a experiência cotidiana (EAGLETON, 1998, p.31).

A sociedade passou por mudanças envolvendo o "declínio" dos laços de família e da comunidade que se vinculam a uma dissolução das fronteiras entre o público e o privado e alterações nas relações de gênero e de cultura sexual que fazem parte do processo pós-moderno. Estas mudanças são mais bem percebidas a partir da segunda metade do século XX, em que, a transformação de algumas instituições sociais afeta diretamente a família, a sexualidade, as relações de gênero e a vida política. Há nesse caso, um enfraquecimento nas relações de poder tornando-as cada vez mais negociáveis e negociadas.

Estas proposições ficam mais bem exemplificadas no livro *A virada cultural* de Fredric Jameson, no qual, o autor expõe que no pós-modernismo há uma quebra de fronteiras entre vários setores da sociedade, entre eles, a dissolução das fronteiras entre a alta cultura e a cultura de massa. Isto ocorreu, não sem um certo choque, principalmente na área acadêmica, pois havia uma tradição de se opor alta cultura e as demais formas de expressão cultural ao seu redor. Tal característica pós-moderna apaixonou os seus recentes defensores a ponto de tornar difícil a distinção entre as duas formas de cultura (JAMESON, 2006, p. 19). Neste contexto, o próprio conceito de "pós-modernidade" torna-se difuso levando-se em consideração própria crise de deslocamento da classe dos intelectuais.

A dissolução das fronteiras políticas, geográficas, civis constitui em um avanço social para Jameson por não mais colocar nação contra nação. O teórico chama nossa atenção também para a aproximação entre a tecnologia e a ciência, em que, há uma tendência gradativa a deixar de se notar as especificidades ou as transversalidades que possibilitam a travessia das fronteiras entre elas, esta característica também se estende

a outras formas de organização social. Nesse sentido, a globalização para ele não é um problema, pois não há tensão ou estranhamento no processo de aproximação global das fronteiras. Dessa forma, o local desaparece diante das tendências pós-modernas.

Jameson apresenta três elementos fundamentais facilitam a compreensão da cultura pós-moderna: (i) uma perda de profundidade individual hoje as pessoas assumem muitos papéis sociais ao mesmo tempo e estão em constante mutação apresentando uma identidade fluida ou múltipla; (ii) perda do referencial histórico e alterações nas noções de espaço e tempo; (iii) maior atenção as questões emocionais - na pós-modernidade a emoção possibilita outras formas de exploração e de identidade. O autor acrescenta ainda, que o pós-modernismo consiste em um conceito de periodização, cuja função é correlacionar o surgimento de novos aspectos formais da cultura com o surgimento de um novo tipo de vida social e de uma nova ordem econômica.

Ocorreram mudanças também nas noções de tempo e de espaço que proporcionam o surgimento de um ambiente para a emergência de uma nova forma de individualidade. À medida que o sujeito individual do momento anterior é substituído por um indivíduo cooperativo inserido em uma nova dimensão temporal e espacial, nesse contexto, há um florescimento imaginação e da criatividade. Jameson, desse modo, atribui ao capitalismo pós-moderno não apenas um novo modo de produção, mas também, um motor para uma nova forma de identidade.

O teórico afirma que só é possível caracterizar o pós-modernismo a partir do modernismo que o pós-modernismo tanto critica. As características do pós-modernismo estão intimamente ligadas ao conceito de modernismo, pois é só por meio deste que aquele pode ser definido como uma espécie de negação dos conceitos e estilos do período anterior. Ele diz ainda, que não estamos preparados para esse novo ambiente “houve uma mutação no objeto, a qual não se conseguiu uma mutação equivalente no sujeito” (JAMESON, 2007, p.20).

Jameson não prevê limites para a aceleração pós-moderna. Ele correlaciona esta aceleração com o fim do Estado-nação, o qual, segundo ele, curvou-se mais intensamente diante do poder do capital. Alterando, dessa forma, a nossa percepção do espaço local, e também, em escala global. Enquanto as localidades se misturam e desaparecem caminhando para a unidade global o que novamente elimina a nação.

Stuart Hall (1999) destaca três impactos importantes do processo de globalização sobre as identidades culturais locais: a desintegração; o reforço pela resistência; a mutação (hibridismo das identidades). Na concepção de Hall as identidades nacionais passam por um processo de desintegração diante da homogeneização cultural característico da pós-modernidade. Em contra partida, há uma resistência das identidades nacionais e locais ao processo globalizante, e em meio a esse processo coexistem as identidades híbridas.

Hall mostra-se muito interessado no impacto da globalização sobre a identidade. Ele argumenta que o tempo e o espaço constituem as diretrizes básicas de todos os sistemas de representação. “Todo meio de representação – escrita, pintura, desenho, fotografia simbolizados através da arte ou dos sistemas de telecomunicação – devem traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais” (HALL, 1999, p.35).

Dessa forma, ele acredita que a identidade está intimamente ligada ao processo de representação, muito utilizado no processo globalizante, que remodelam as relações de espaço e tempo e provocam intensas alterações no modo como as identidades são localizadas e representadas.

Ao tratar da identidade na pós-modernidade ou modernidade tardia como prefere chamar, Hall afirma que o indivíduo ao ser confrontado com novas formas de representação cultural tende de multiplicar-se nele as possíveis identidades as quais poderia identificar-se ao menos por um curto período de tempo. Levando-se em consideração que é marca característica da pós-modernidade mudança acelerada nas formas de representação do espaço-tempo a identidade encontra-se aí dividida e fragmentada. O propósito do autor é explorar algumas das questões inerentes ao processo de formação da identidade cultural na pós-modernidade, além de avaliar se realmente existe uma crise de identidade, em que consiste essa crise e em que direção ela está indo. E ao fazê-lo, o autor introduz noções de complexidades e examina alguns aspectos contraditórios que a noção de "descentração do sujeito".

Para consolidar suas idéias, Hall (1999) consulta obras e autores que abordaram sobre as mudanças mais significativas da pós-modernidade e que permitiram ao autor tratar da questão dos descentramentos da identidade, pois as idéias desses autores mesmo indiretamente descrevem os deslocamentos do sujeito através de uma série de rupturas nos discursos do conhecimento pós-moderno. Em consulta aos textos de Laclan, Hall observou que a sociedade pós-moderna é marcada pela diferença, pelo antagonismo, e que essas diferenças influenciam diretamente nas posições do sujeito. Ele acrescenta ainda que essas sociedades não se diluem totalmente porque de certa forma há uma articulação entre as diferentes identidades e argumentos "são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo unificadas apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural" (HALL, 1999, p.62).

Dessa forma, pode-se dizer que o pós-modernismo é um período de transformações sociais, culturais e econômicas, mas que não possui uma definição que o englobe por completo, por ser um movimento em transição que não se concretizou ainda. Os teóricos apenas tentam expor as características mais acentuadas do que vem a ser o pós-modernismo.

4. As construções narrativas da memória em *Berkeley em Bellagio*

Os romances de Noll, em especial *Berkeley em Bellagio*, seguem um modelo de escrita conciso, sem muitas adjetivações e subordinações que fazem parte de uma forma contemporânea de narrar. Isso é mais bem observado quando comparamos o romance acima citado com a linguagem rebuscada do romance *Iracema*, de José de Alencar, para não citar outros exemplos. Outra característica marcante na forma de narrar de Noll é a não linearidade, o romance não possui uma sequência de fatos organizados de forma cronológica, há uma mistura de experiências lembranças e imaginações. Como a história é narrada em primeira pessoa, o personagem principal (narrador-personagem) organiza sua história conforme fatos e lembranças. Lembranças por vezes confusas e reorganizadas a partir do presente. Como podemos observar nesse trecho de Cury:

São textos que até chegam, muitas vezes, a constituir um gênero literário novo, modulado numa narrativa formalmente marcada pela concisão e rapidez, como registros ininterruptos de realidades em movimento célere e que não têm repouso, que mal se deixam apreender na sua precária momentaneidade. (CURY, 2007, p.10).

Segundo Silva (2010) a estrutura do romance contemporâneo destaca o caráter fragmentário do romance de Noll, perceptível tanto na temática como na própria escrita, em que, o personagem apresenta suas lembranças de forma não linear mesclando-as com cenas do presente. A autora chama a atenção para a diversidade humana que é observada juntamente com a diluição das fronteiras nacionais. “Os escritos de João Gilberto Noll são sensíveis ao que tece a vida social, sendo uma literatura do fragmento, do instante e da diversidade humana.” (SILVA, 2010, p.129)

O romance *Berkeley em Bellagio*, de João Gilberto Noll, de forte cunho autobiográfico, narra a história de um escritor brasileiro que não fala a língua inglesa, mas que viaja para a Universidade da Califórnia, em Berkeley para ensinar literatura brasileira. Em seguida passa uma temporada em *Bellagio*, na Itália, a convite de uma fundação norte-americana. Dessa forma, podemos observar nesse caráter transitório do personagem, como o processo de mundialização interfere nas fronteiras do local. A característica que Gomes destaca é à língua – a marca mais cultural e identitária que temos. Assim, o romance de Noll (2002) reforça a idéia de que a diluição das fronteiras na contemporaneidade tem interferido e muito na identidade do sujeito e na ideia de nação. Cury (2007) aponta que uma das questões centrais do romance estudado é a questão da desterritorialização que mexe com a questão identitária do sujeito e do próprio conceito de nação. Esse processo de desterritorialização gera um estado de mundialização, que por sua vez, interfere na língua, nas culturas, na identidade e até mesmo na memória individual e coletiva.

O propósito inicial do personagem principal de *Berkeley em Bellagio* era escrever uma história durante o longo retiro numa universidade estrangeira. O personagem é um homem de meia-idade que se alimenta, a cada dia, da solidão, do silêncio e das suas lembranças do Brasil. Nesse processo é possível perceber a estrutura do romance que enreda o leitor em um jogo de imagens difusas, misturando lembranças imaginadas com as reais em um texto sem parágrafos que acaba criando uma avalanche de elipses. *Berkeley em Bellagio* é um retrato angustiante de um sujeito errante, sem um referencial, que procura um porto num mundo cada vez mais mundializado e paradoxalmente excludente. Em sua maior parte, o livro mostra cenas do isolamento cultural e lingüístico do personagem. *Berkeley em Bellagio* é uma narrativa repleta de fragmentos de memória, associados a uma identidade sem referências, fragmentada, proporcionada pelo exílio em uma terra de língua estranha.

O personagem principal de *Berkeley em Bellagio* ao lembrar suas experiências no Brasil não está apenas evocando imagens de sua vida particular, mas está expondo as imagens nacionais que entram em contraposição com o lugar que ele ocupa em Berkeley. O jogo da memória denuncia questões identitárias, não apenas do sujeito, mas da própria nacionalidade posto em cheque pela “quebra” das fronteiras locais.

A memória em *Berkeley em Bellagio* possui um caráter fluído que não está imune aos processos traiçoeiros da mente que confunde a imaginação com o real, e a própria interpretação do passado sobre o

prisma do presente, um presente fora do seu país de origem. (FERREIRA JR, 2009). Podemos observar esse imbrincamento da memória no trecho a seguir:

Se eu for visitá-la todos os domingos à tardinha, essa menina teria um novo amigo que pegaria o ônibus no centro da cidade, desceria na parada próximo a casa dela, atravessaria a várzea onde garotos jogam bola com enormes palavrões, bateria palmas ao chegar à cerca de sua casa, não há cão para me assustar, venho com notícias de que consegui vaga para a criança numa escola pública bem perto, a dez minuto desse endereço, amanhã virei buscá-las, ela e sua mãe que apresentarei à professora (...) a mãe me agradece misturando o português com a sua língua meio exasperada, o dia quente, azul, eu me despeço da mulher toda de preto.(NOLL, 2002, p.80).

Nesse trecho do podemos observar nitidamente a confusão que o personagem faz ao narrar uma história que o envolvia. Primeiro ele situa o verbo no futuro do pretérito “teria”, “desceria” indicando um fato que poderia ter acontecido, uma possibilidade no passado; depois ele situa o verbo no futuro do presente “virei”, “apresentarei” indicando um fato que irá acontecer no futuro; e por fim o personagem situa o verbo no presente “agradece”, “despeço”, criando uma ideia de certeza como se fosse um fato que de realmente aconteceu, algo real. Desse modo, ele cria um jogo de imagens e possibilidades que provoca a fluidez da narrativa e das lembranças utilizadas para a narração que é posta em evidência pela colocação verbal utilizada pelo personagem.

A fusão entre o sonho e a realidade é posta em evidência no trecho a seguir, quando o personagem já se encontra na Itália:

Me enrosco todo de novo sobre o banco de pedra da antiga Roma, quisera ser uma ave ferida bem na asa, e aqui ficar até que alguém viesse para cuidar de mim porque já nem sei que faço nem que digo, já nem sei se sonho. (NOLL, 2002, p. 44).

A fusão entre sonho e realidade é ressaltada pelo fato de o narrador estar em primeira pessoa e todas as experiências serem vivenciadas por ele. Essa foi uma escolha feita pelo para melhor ilustrar a situação do sujeito contemporâneo e da própria narrativa que é fortemente influenciada pela condição do sujeito errante, sem referencialidades e que mistura sonhos com a realidade. A memória é tensionada, nesse trecho da obra, principalmente, pelo método narrativo de Noll que coloca em xeque o limite entre ficção (fantasiado) e a realidade (vivido).

5. Considerações Finais

Conclui-se que o conteúdo e forma misturam-se na obra *Berkeley em Bellagio*, de João Gilberto Noll, criando um efeito novo na literatura brasileira que revela muito bem os problemas enfrentados pelo sujeito em um mundo cada vez mais globalizado, desprovido de experiências mais profundas, sem referencialidades, e a ausência de uma memória confiável cria uma situação de desconforto e quebra da identidade do sujeito.

Memória e identidade estão intimamente ligadas, e essa relação é melhor percebida no contexto urbano contemporâneo em que há uma dinamicidade do tempo e do espaço onde os sujeitos interagem. É no

urbano que muitas questões do pós-moderno são discutidas e postas em cheque. Questões como crise de identidade, memória fragmentada, multiculturalismo entre outras.

Tem-se a perspectiva de que as reflexões geradas por este trabalho venham a contribuir para a observação mais atenta das construções discursivas da narrativa contemporânea levando-se em consideração a perspectiva da memória enquanto elemento narrativo, além de suscitar as várias vertentes que a memória adquiriu no contexto contemporâneo.

Referências

BENJAMIM, Walter. O narrador (1936). In: **Walter Benjamin – obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. Martins Fontes. SP, 1999.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Novas geografias narrativas. In. **Letras de Hoje**. Disponível:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/4109/3111>. Acesso em 02 de outubro de 2010.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Tradução de Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FERREIRA JÚNIOR, Nelson Eliezer. A nação lembrada/esquecida: o exílio em Berkeley em Bellagio e em “Bem longe de Marienbad”. In: **O eixo e a roda**. Disponível em: www.lettras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/.../09-Nelson-Ferreira.pdf. Acesso em 04 de outubro de 2010.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: Literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. O nômade e a geografia (lugar e o não-lugar na narrativa urbana contemporânea). In: **Revista Semear 10**. Disponível em: http://www.lettras.puc-rio.br/catedra/revista/10Sem_12.html. Acesso em 03 de outubro de 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, Centauro, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

JAMESON, Fredric. **A virada cultural: Reflexões sobre o pós-moderno**. Tradução de Carolina Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LE GOFF, Jacques. **Historia e memória**. 4ed. São Paulo: UNICAMP, 1996.

NOLL, João Gilberto. *Berkeley em Bellagio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

SILVA, Cristina Maria da. Etnografando alteridades na literatura brasileira: acessos à vida social em João Gilberto Noll. In: **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**.

<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/8325/8325>. Acesso em 02 de outubro de 2010.

Abstract: *This paper aims to discuss the problem of memory in postmodern literature, emphasizing the concept of memory from the 90s, along with its applicability in the Brazilian postmodern novel. In a second step, we aimed to study the constitutive features of this novel. The methodological process is a qualitative research, based on reading of bibliographic texts applied to critical review of the work in Berkeley em Bellagio, by João Gilberto Noll, in which the memory is presented to the reader through the fragmented memories of the protagonist. This memory is tensioned in the work, mainly by Noll's narrative method that calls into question the boundary between fiction and reality. The aim is thus to demonstrate the many facets of memory in the contemporary novel and how it influences the construction of it.*

Keywords: *Memory; Contemporary Novel; Berkeley em Bellagio; Brazilian Literature; Narrative Technique.*